

EIXO TEMÁTICO 8 | CULTURA, SOCIEDADE E IDENTIDADES

ARTE E SERVIÇO SOCIAL PARA ALÉM DA COTIDIANIDADE: um debate teórico acerca da emancipação humana a partir da dimensão socioeducativa da profissão

ART AND SOCIAL WORK BEYOND EVERYDAY LIFE: a theoretical debate on human emancipation from the socio-educational dimension of the profession.

Brenda Nascimento Duarte Silva¹

RESUMO

Neste artigo, abordamos a arte como mediação profissional para objetivar estratégias para a emancipação humana dos usuários. Com base na pesquisa bibliográfica realizada, tendo seu lócus a partir da Estética Marxista de Gyorgy Lukács, Walter Benjamin e Carlos Nelson Coutinho, serão apresentadas ideias acerca da arte politizada e **porque** o Serviço Social pode apropriar-se dela através de sua dimensão pedagógica. O pressuposto analítico é o de que o assistente social é um profissional dotado de competências para direcionar a consciência do usuário para além das limitações da cotidianidade vulgar, a qual é revestida pelo processo de reificação.

Palavras-chave: Arte; Educação; Serviço Social.

ABSTRACT

In this article, we approach art as professional mediation to aim for strategies for the human emancipation of users. Based on the bibliographical research carried out, having its locus from the Marxist Aesthetics of Gyorgy Lukács, Walter Benjamin and Carlos Nelson Coutinho, ideas will be presented about politicized art and why Social Work can appropriate it through its pedagogical dimension. The analytical assumption is that the social worker is a professional endowed with skills to direct the user's consciousness beyond the limitations of ordinary everyday life, which is covered by the process of reification.

Keywords: social classes; identity struggles; intersectionality.

¹ Graduanda do 9º período do curso de Serviço Social na Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: brendaduarte13@outlook.com

1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe-se a adentrar no debate teórico acerca de possíveis aproximações entre Arte e o Serviço Social, tendo como objetivo geral investigar suas interações e sua capacidade de direcionar-se – para além das limitações da cotidianidade vulgar – à caminhos possíveis para a emancipação humana. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, embasada pelas reflexões teórico-metodológicas da estética marxista de György Lukács, Walter Benjamin e Carlos Nelson Coutinho, tendo a totalidade como locus de transparência das categorias do real.

Minuciosamente, será possível abrir alas às reflexões que atestam a ideia da Arte como via para humanizar a compreensão do mundo pelo homem, conscientizar e empoderar as classes logradas pela subalternidade. Além disso, serão levados em conta debates acerca de estratégias de superação das aparências da cotidianidade, a qual é severamente marcada pelas engrenagens do capital de maneira mais aguda, em todas as suas instâncias.

Como apontado por Netto (1994), o controle exercido pelo capitalismo não se limita apenas à esfera econômica ou ao ato de consumir, mas se estende a todas as áreas da vida dos indivíduos. Isso significa que os valores, normas e comportamentos que são incentivados pelo sistema capitalista acabam influenciando não apenas as atividades econômicas, mas também as relações interpessoais, a organização da cultura, a política e até mesmo a forma como os indivíduos percebem a si mesmas e ao mundo ao seu entorno.

Frente a práticas e abordagens mecanizadas e pouco comprometidas com o Projeto Ético-Político da profissão, o Serviço Social demanda estratégias concretas para a coletivização de demandas individuais e a emancipação dos seus usuários. A partir da sua dimensão socioeducativa/pedagógica, o assistente social pode desenvolver habilidades críticas e criativas relacionadas ao seu papel na interação social do trabalho, reconhecendo a importância da subjetividade humana. No entanto, é fundamental entender que, dentro do contexto do trabalho na sociedade capitalista, existem mecanismos de alienação que devem ser compreendidos e superados.

Partindo do pressuposto de que o cotidiano é permeado pelo processo intenso de reificação, é, ainda assim, um espaço em que o exercício profissional da(o) assistente social se materializa. Dessa maneira, seria a Arte revolucionária, a qual antropomorfiza a visão do indivíduo sobre o mundo, uma alternativa de mediação para que os(as) profissionais possam deixar de lado as práticas puramente mecanizadas? Poderia a(o) assistente social apropriar-se

da Arte como instrumento profissional a partir de sua dimensão pedagógica? É para possíveis resultados e respostas a essas perguntas que se sistematiza esse artigo.

2 APROXIMAÇÕES ENTRE SERVIÇO SOCIAL, EDUCAÇÃO EMANCIPADORA E ARTE POLITIZADA.

Diante do conformismo mecanicista², tratado por Abreu (2011), o assistente social tornou-se facilitador de vias para a organização da cultura. Este conformismo possui como base cultural a ideia ilusória de “bem-estar social”, a qual reforça um abafamento de possíveis ideais revolucionários e aniquila as forças de oposição, utilizando-se da técnica de manutenção dos padrões de sociabilidade capitalista, revestidas de uma educação refém de lógicas individualistas, psicologizantes e conformistas na tentativa de manutenção do *status quo*.

Para Lukács (2012), é por meio do entendimento da totalidade social que é possível adquirir a consciência de classe, visto que ela possibilita caminhos para que o proletariado reconheça seu papel na luta de classes e na transformação social. Nesse contexto, o Serviço Social busca a recuperação desta categoria por meio de suas ações profissionais, inclusive através do desfrute da sua dimensão socioeducativa. De acordo com Yazbek (2006), a abordagem socioeducativa não se limita apenas a fornecer assistência material, mas também visa estimular o desenvolvimento de uma compreensão crítica das circunstâncias sociais.

A Renovação do Serviço Social brasileiro, a qual deu-se início na década de 60, foi interrompida pelo golpe de abril e, posteriormente retomado na década de 80, foi um ponto fulcral para o fortalecimento do que se denomina como “Projeto Ético-Político” da profissão atualmente. Com o fito de distanciar-se das práticas educativas revestidas de conservadorismo, “persuasivas e coercitivas”, como aponta Abreu (2011), o Serviço Social, embasado pelo seu Projeto Ético-Político, intenta buscar direção para a emancipação humana dos seus usuários.

Para Mészáros (2008) é necessária a criação de uma ordem social radicalmente distinta do metabolismo capitalista “tanto para a elaboração de estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução, como para a *automudança consciente* dos indivíduos.” (Mészáros, 2008, p. 65); isso implica a necessidade de repensar e reestruturar

² Definir conformismo mecanicista a partir de Abreu (2011), pode ser caracterizado por uma visão determinística e simplista da sociedade, na qual as pessoas se veem como peças em uma máquina pré-determinada, agindo de acordo com papéis predefinidos sem questionar o sistema como um todo. Nesse contexto, a ênfase é colocada na manutenção do status quo, ignorando ou minimizando as injustiças e desigualdades presentes no sistema.

fundamentalmente as instituições sociais, políticas e econômicas, de modo a criar uma sociedade a partir de uma *automudança consciente*. Esta seria alcançada pela educação para além do capital, plenamente vivida, aquém das margens corretivas do capitalismo, o qual é pautado pelo culto fetichista.

Nesse sentido, há determinados caminhos que, de certa maneira, atenuam o processo de reificação e alienação intrínseca na cotidianidade, tendo em vista que podem ser parte dos processos de crítica, emancipação humana e transformação social. Dentre eles, Netto (1994, p. 70) se atenta a incluir a arte:

[...] há três formas privilegiadas de objetivação nas quais os procedimentos homogeneizadores superam a cotidianidade: o trabalho criador, a arte e a ciência. Estas três objetivações mais altas constituem esferas que se destacaram das objetivações cotidianas graças a um longo processo histórico de complexa diferenciação, adquirindo autonomia e legalidade próprias – processo que, em si mesmo, é o da constituição do ser social.

Principal intelectual da estética marxista, György Lukács, filósofo húngaro, dedicou-se a entender a arte e sua relação com a sociedade. Lukács (2009), reconhece a arte como mimese antropomorfizadora. A arte é vista como uma imitação da vida, mas não somente uma imitação exclusivamente literal, e sim uma que atribui características humanas àquilo que representa. Isso implica que a arte não apenas reflete a realidade, mas também a interpreta e a transforma de acordo com perspectivas humanas.

A arte é descrita como uma forma de expressão que se desenvolveu ao longo da história e da sociedade, e sua peculiaridade está em como ela atende às necessidades humanas específicas que outras formas de interação com o mundo não podem satisfazer. Isso sugere que a arte desempenha um papel único na vida humana, oferecendo algo que outras formas de interação não possuem pré-requisitos necessários para alcançar.

Ele passa a sustentar e aprofundar a ideia segundo a qual a arte é uma modalidade específica do reflexo da realidade, que produz um conhecimento antropomorfizador do mundo do homem (em contraste com o conhecimento desantropomorfizador próprio da ciência), o que permite à arte elaborar uma autoconsciência do desenvolvimento da humanidade. (Netto; Coutinho, 2009, p. 15)

Na estética de Lukács, muito é pautado sobre a possibilidade do artista ser autônomo ou não. O artista, através da sua arte, pode optar por tomar determinados partidos. “A tarefa exclusiva da arte é a de tomar posição nas lutas de seu tempo, da sociedade, das classes sociais;

de favorecer a vitória social de uma determinada tendência, a solução de um problema social.” (Lukács, 1967, p. 159). Essa tarefa, aliada ao proletariado, é oposição frente às investidas do movimento “arte pela arte”, o qual divorcia o artista do meio social acredita que o papel do artista é transcender as preocupações mundanas e criar obras de arte que fossem puras expressões da beleza, independentemente das demandas ou expectativas da sociedade.

“Sem essa tomada de posição, o artista jamais poderá distinguir entre o essencial e o não-essencial.” (Lukács, 2011, p. 112). É possível atestar, assim, que sem a tomada de partido favorável ao proletariado, esta torna-se totalmente à mercê dos interesses do capital, visto que está sujeita a contribuir para a comercialização da arte, na qual o valor estético é subordinado ao valor de mercado.

Na época de Homero, a Humanidade oferecia-se em espetáculo aos deuses olímpicos, agora ela se transforma em espetáculo para si mesma. Sua auto-alienação atingiu o ponto que lhe permite viver sua própria destruição como único prazer estético de primeira ordem. Eis a estetização da política, como pratica o fascismo. O comunismo responde com a politização da arte. (Benjamin, 2017, p. 14)

Walter Benjamin, o qual foi atraído à estética marxista por meio das obras de Lukács, também foi um grande defensor da tomada de partido do artista em favor do proletariado. Benjamin (1996) critica a visão tradicional do artista como um gênio isolado, um ser inalcançável, dotado de “aura” e distante dos problemas sociais e políticos de sua época. Em vez disso, ele propõe o conceito de “autor como produtor”, sugerindo que os artistas devem se envolver diretamente na produção de sua arte e também na produção das condições materiais e sociais que possibilitam essa produção.

Para Benjamin, isso significa que os artistas devem estar cientes das estruturas de poder que moldam a produção cultural e buscar formas de subvertê-las. Isso pode incluir o envolvimento em movimentos políticos e sociais, a criação de obras que desafiam as normas estabelecidas e a busca por novas formas de distribuição e consumo de arte que promovam a igualdade e a democratização do acesso cultural.

Quem construiu a Tebas de sete portas?
Nos livros estão nomes de reis.
Arrastaram eles os blocos de pedras?
E a Babilônia várias vezes destruída
Quem a construiu tantas vezes? Em que casas
de Lima radiante dourada moravam os construtores?
Para onde foram os pedreiros na noite em que

A Muralha da China ficou pronta?
 A Grande Roma está cheia de arcos de triunfo.
 Quem os ergueu? Sobre quem triunfaram os cézares?
 A decantada Bizâncio tinha somente palácios para seus habitantes?
 Mesmo na lendária Atlântida
 Os que se afogavam gritavam por seus escravos
 Na noite em que o mar tragou.
 O jovem Alexandre conquistou a Índia.
 Sozinho? (Berthold Brecht, *Perguntas de um operário que lê*, 1986.)

Como grande admirador de Berthold Brecht, Benjamin (1996) aponta Brecht como um dos mais importantes dramaturgos e teóricos teatrais de seu tempo. O dramaturgo prezava por uma forma de teatro que não apenas buscava entreter, mas também educar e provocar o público a pensar criticamente sobre questões sociais e políticas. Sua abordagem teatral, conhecida como "teatro épico" ou "teatro dialético", visava conscientizar o público sobre as contradições da sociedade capitalista e incentivá-lo a se engajar em uma reflexão ativa sobre o mundo ao seu redor.

Coutinho (2011), célebre intelectual da tradição marxista brasileira, traz o conceito de "intimismo à sombra do poder" para caracterizar a indiferença dos artistas quanto a realidade nacional-popular, o que trouxe um determinado abafamento das expressões da questão social das produções culturais no contexto brasileiro. O autor enfatiza a "via prussiana", a qual busca uma revolução passiva, na qual as transformações chegariam de cima para baixo em termos de poder.

É nesse contexto em que desenvolvem-se espaços de contracultura, que em dados momentos tiveram papel crucial para construção de oposição à hegemonia burguesa. Abaixo, é possível observar por meio desta citação alguns representantes ímpares, conforme Coutinho (2011, p. 11) que participaram de rupturas essenciais ao longo da história da arte no Brasil a partir da literatura:

Os dedicados a Lima Barreto, Graciliano Ramos e Jorge Amado, além de analisar algumas determinações gerais de nossa evolução literária, tentam mostrar como a grandeza das formas romanescas criadas pelos escritores resulta, com grande pane, do fato de que tais formas simbolizam não só os impasses humanos provocados por esse modo perverso de modernização, mas também os impulsos orientados no sentido da criação de modos alternativos de vida e de organização social.

Essencialmente, o argumento de Coutinho (2011) é que a obra de Lima Barreto não se encaixa nas molduras estabelecidas por essas correntes literárias mais conservadoras, o que

leva à sua tentativa de ser desconsiderada ou reinterpretada de forma distorcida pelos mesmos. Nesse sentido, entende-se que as obras de Lima Barreto acarretam numa aproximação maior com a participação popular, que persiste em ser assombrada pelo modo prussiano, o qual é base da formação sócio-histórica brasileira, de “revolucionar”.

Agora que é possível identificar claramente a natureza pedagógica intrínseca à profissão, a educação emancipadora e a arte politizada como via de estratégias para a transformação social, poderia esta ser considerada uma alternativa de evoluir a prática profissional da(o) assistente social? Para entender sobre autonomia profissional para viabilizar essas práticas, Iamamoto (2007, p. 422) destaca:

Na direção da expansão das margens de autonomia profissional no mercado de trabalho, é fundamental o respaldo coletivo da categoria para a definição de um perfil da profissão: valores que a orientam, competências teórico metodológicas e operativas e prerrogativas legais necessárias a sua implementação, entre outras dimensões, que materializam um projeto profissional associado às forças sociais comprometidas com a democratização da vida em sociedade.

A autonomia relativa da(o) assistente social, ou seja, a liberdade de agir dentro de certos limites e condições, envolve entender que nem sempre é possível garantir resultados predefinidos, mas sim criar condições favoráveis para que algo aconteça. Exercer autonomia relativa implica em uma abordagem flexível e consciente, que reconhece as limitações, mas também busca criar oportunidades e condições para alcançar os objetivos desejados dentro do contexto profissional. Portanto, a(o) assistente social é um profissional dotado para utilizar a arte como meio de “questionar verdades cristalizadas na vida cotidiana, exercendo um papel transformador na sociedade, isso porque age diretamente na autoconsciência da humanidade” (Scherer, 2013, p. 62) e estabelecer os valores e competências que guiam esta profissão.

3 CONCLUSÃO

Diante da análise realizada, fica evidente que a intersecção entre arte e Serviço Social transcende a mera prestação de serviços cotidianos, tentando direcionar a prática profissional a horizontes mais amplos de emancipação humana. Ao pautar-se na perspectiva da Estética Marxista, com as contribuições de pensadores como György Lukács, Walter Benjamin e Carlos Nelson Coutinho, este artigo delineou uma abordagem teórico-prática que enfatiza a politização da arte e sua integração à dimensão socioeducativa da profissão. Nesse sentido, o

profissional de Serviço Social emerge como um agente capaz de catalisar a conscientização dos usuários, rompendo com as amarras da cotidianidade ordinária, permeada pela reificação. Portanto, ao valorizar a arte como ferramenta de transformação social, o Serviço Social se posiciona como um campo fértil para a construção de práticas emancipatórias que visam não apenas comprometer-se com o Projeto Ético-Político da profissão, mas também promover estratégias para a emancipação concreta dos sujeitos inseridos no contexto social brasileiro,

REFERÊNCIAS

ABREU, Marina Maciel. **Serviço Social e a organização da cultura: perfis pedagógicos da prática profissional**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época da possibilidade de sua reprodução técnica**. In: Estética e sociologia da arte. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2017 (Coleção "Filô/Benjamin).

BENJAMIN, Walter. **O Autor como Produtor**. Conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, 1934. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e História da cultura* (Obras Escolhidas). São Paulo: Brasiliense, 1996b. v. 1, p. 120-136.

BRECHT, Berthold. **Poemas** (1913-1956), Brasiliense, São Paulo, 1986, p. 167.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. São Paulo: Cortez, 2007

LUKÁCS, G. Arte livre ou arte dirigida?. **Revista Civilização Brasileira**, ano III, n. 13, maio de 1967, p. 159-178

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.